

Adivinhe quem estará no Planalto em 16 de março

Com base na realidade, um exercício de ficção em torno da guerra pela sucessão presidencial

LEONARDO MOTA NETO
Da Editoria de Política

Os dados estão aí, visíveis e até palpáveis, no confuso quadro sucessório brasileiro. Com eles, é possível montar não apenas o perfil do futuro presidente da República, mas o de seu governo. E ainda: o País que encontrará no ano seguinte — mais precisamente

a 16 de março de 1985. Maluf, Andreazza, Aureliano, Tancredo? Nenhum deles? Cabe ao leitor decifrar. Mais que um mero exercício de ficção política, o artigo abaixo é uma viagem à intimidade do poder — sua rotina, seus mistérios, seus desafios. O autor o imagina mais dinâmico, num país que tenta desesperadamente emergir da crise. Será mera ficção?

CENA I

O Alvorada, rajado de luz

O novo presidente da República acordará bem cedo e dará uma volta pelos jardins do Palácio da Alvorada, seguindo a mesma trilha que, margeando a beira do lago, já viu passear Juscelino, Jânio, Castello e Costa e Silva, em andanças matutinas.

O presidente é apressado, não é um meditativo, nem um contemplativo, embora o filtro da alvorada naquele momento destile uma rara luz energética.

Logo providenciará o embarque para o Palácio do Planalto, lendo antes os informes de seu serviço de informações, que passou recentemente a ser mais informativo-analítico.

O presidente seguirá num cortejo funcional, integrado de carros destituídos de maiores sinalizações de triunfalismo republicano. Tem que chegar ao Palácio do Planalto antes de todos os “ministros da casa” e auxiliares mais próximos, para dar exemplo, de trabalho e dedicação. Nesse primeiro ano de governo, pelo menos, terá que ser assim.

Haverá ocasiões em que o presidente, ele mesmo, saia do Palácio da Alvorada dirigindo seu próprio carro. Presidente não é

múmia, nem ministro do governo é um faraó distante e intocável, pensa.

Mas naquela manhã, não. O presidente terá importantes decisões para tomar. Ele precisa organizar, depois de uma semana de governo, de todas as festas políticas nas quais milhares subiram a rampa do palácio, precisará ter tempo para a decisão que fundamentará a estabilidade de seu governo, ou fará definitivamente com que se confirme a previsão do governador Tancredo Neves, de que ele será um segundo Artur Bernardes, que governou o tempo todo sob estado de sítio.

“Não vou dar essa glória ao Dr. Tancredo”, pensava, antes de subir pelo elevador de serviço, simples e apressado.

Mas ao chegar ao 3º andar, já o esperava seu chefe do Gabinete Civil, como todos os dias, como sempre. Barba bem feita, cara reluzente de quem dormiu muito bem embalado pela perspectiva diáfana de quatro anos de poder, o ministro principal, aquele que todos conhecem como “primeiro-ministro”, já está com papéis prontos na mão, formulados naquela madrugada, e com o “clip-

ping” fornecido pelo Ministro da Comunicação Social sobre a tendência do noticiário nacional e estrangeiro, daquela manhã. Se o Presidente quisesse, ele terá em seu gabinete um aparelho de TV para assistir ao noticiário editado dos telejornais da manhã.

— Bom dia, ministro. O presidente marca seu relógio: 6 e meia em ponto.

— Essa é uma das vantagens dessa decisão de restaurar a residência no Palácio da Alvorada e não na granja. Granja. Sai de lá cinco minutos atrás.

No gabinete vazado de sol, o óleo com o rosto de Dom Pedro I reluzia sobre a imponente mesa de despatches. Era o cenário de tantas fotografias com que todos os seus antecessores, desde Castello Branco, haviam acostumado o público externo. Mas o presidente preferia, na sua ânsia de atingir o “perfeccionista” — sua aspiração de ter ao mesmo tempo o perfeito e o funcional — um gabinete menos imponente, menos histórico, no fundo oriental, do gabinete, pelo menos para aquelas conversas fundamentais — a que iria passar a manter por uma hora com o “primeiro-ministro”.

CENA II

Uma “bomba” - a primeira viagem

— Presidente, está tudo pronto para sua viagem surpresa a Washington. A mensagem para o Congresso já está redigida. Os contatos com a Casa Branca todos checados. O presidente Reagan, conforme suas instruções, vai ser avisado hoje cedo pelo embaixador norte-americano, por telefone. A confirmação oficial da viagem sairá às 17 horas, no “briefing” do porta-voz. Hoje, como o assunto é estratégico, o próprio Ministro da Comunicação Social será o porta-voz.

— Bom trabalho. Poderemos partir na próxima quinta?

— Bem, hoje é segunda-feira. O líder do Senado já me garantiu que, chegando hoje a mensagem solicitando autorização para viajar ao exterior, ele possa convocar uma reunião de emergência amanhã à noite, dado o caráter especial, da exposição de motivos.

O Presidente tomou novamente a exposição de motivos, tantas vezes lida e relida naquele último fim de semana no Alvorada. Aliás, como toda a estratégia de seu primeiro ano de governo, o texto da exposição já estava há meses elaborada pelo “primeiro-ministro”. Desde junho do ano passado que essa viagem a Washington — uma

verdadeira — “bomba” diplomática — já estava vislumbrada como o cartão de apresentação das intenções do Presidente.

Estava lá escrito “... O Governo brasileiro não mais poderá concordar com a longa imposta pelo sistema de credores da dívida externa de nosso País. Temos pressa em obter um tratamento na renegociação, condigno com nosso potencial de recuperação e com nosso interesse de resgatar nosso endividamento...”

— Está muito bom. Bom por ser curto e afirmativo.

— É inédito. Nunca se viu na história republicana um presidente viajar sem convite a Washington, para impor novas regras de renegociação.

— E como o chanceler me disse ontem à noite, no Alvorada, quando, entusiasmados, revíamos a exposição de motivos: “o Sr. vai surpreender positivamente os banqueiros e as autoridades dos Estados Unidos”. O chanceler não viu também o lado interno: quero surpreender positivamente a opinião pública e o Congresso brasileiro.

— Está tudo pronto. Se a mensagem for aprovada amanhã, à noite o embarque será quinta de manhã, às nove, no aeroporto militar, numa cerimônia sim-

ples para não mudar o caráter emergencial da viagem. Na sexta, pela manhã, reunião com os maiores grupos credores no Hotel Plaza. A tarde, traslado para Washington. No sábado, rumo a Camp David para encontrar-se com o presidente Reagan. Domingo de manhã, retorno ao Brasil.

— Não quero mais de uma reunião com os credores. Inclusive repita ao Ministro da Fazenda minha instrução para que mesmo os credores de outros países que não estiverem em Washington deverão se fazer representar pelos sindicatos ou grupos norte-americanos. Meu recado será um só, uma só vez, e a um só tempo.

— Já providenciei também o horário dos telefonemas para os presidentes do México, Colômbia, Argentina e Venezuela na quarta-feira, tão logo tenhamos a confirmação de que a viagem foi aprovada pelo Senado.

— Ponha o chanceler na linha. Logo depois o Ministro da Fazenda. Quero chegar de novo todos esses pontos. Finalmente, chame o Ministro da Comunicação Social, para uma audiência às 11 horas, para combinalmos o espírito do “briefing”.



CENA III

O irônico renascer

O chanceler acordará nessa segunda-feira às seis horas, como sempre. Desde que o presidente lhe de- e a todos os demais ministros, a orientação expressa de residir e passar os fins de semana em Brasília, de repente começara a conviver com aquela sensação de reencontro com valores já esquecidos, bem atípicos para sua retrospectiva de cidadão do mundo.

O Fora, sidente assim o quis, pre afinal, obrigado a aceitar os termos do convite para ser ministro: gostar de Brasília, não rejeitá-la, vir morar aqui definitivamente, aqui passar seus fins de semana, viajar para outros estados somente às terças e às quintas. Aos sábados, em vez da habitual sexta para repor o equilíbrio após a feijoad, a caipirinha e o “scotch”, uma reunião ministerial de quatro horas, começando às duas.

Tudo isso vale — pensará o ministro, tentando levantar-se da cama do principal quarto de seu vasto apartamento. Sim, porque teve mais essa: o presidente obrigara todos os ministros a residirem em apartamentos alugados ao mercado imobiliário ou funcionais. Tivera a sorte de continuar naquele bem

iluminado apartamento do Senado, cuja suite principal dava para umas casuarinas bem floridas nesse tépido março.

Tudo isso vale para mudar a linha do Itamarati, de retórico-declaratório, para pragmática-comercial, de terceiro-mundista para universal-pluralista, cogitou.

Punhos de renda, bah...! O chanceler passara o fim de semana mergulhado no documento da viagem-bomba do presidente ao exterior. Aquele palácio de mármore gelado era o mesmo que conhecera de outros presidentes, bem à feição de um Juscelino, a quem, ainda moço, levava um dia um Plano de Metas, urdido nas ante-salas febricitantes do BNDE. No novo presidente, ele via um novo Juscelino. Via novidade, ousadia e sem cerimônia — ingredientes que poderiam modificar o panorama da mesmice e do convencionalismo.

Embora tenha sido embaixador, como detestava a garândola diplomática, o jogo superficial, o fru-fru das saias arrastadas nas recepções! O presidente havia afinal atingido seu núcleo de angústia: oferecera-lhe condições pa-

ra mudar o Itamarati a seu modo, ao modo de seu mundo. Sua cosmovisão agirla mais que a microdiátribe.

Obrigado, presidente — refletirá o chanceler, enquanto tomava a ducha — por me permitir antes de mais nada, dar uma resposta àquele personagem prussiano que me vetou para chanceler, em 79.

Afinal, até havia mudado sua concepção de não mais se tornar um “funcionário de presidente da República”, como havia solenemente jurado, depois do governo Castello Branco.

Mas, naquela segunda-feira, em vez do costumeiro “telefonema das sete”, o “primeiro-ministro” já estava ao telefone convocando-o.

— Bom-dia, chanceler. O presidente quer falar-lhe.

Já sabia. Era a exposição de motivos ao Senado que tanto o havia ocupado no sábado e no domingo, noite adentro, no Alvorada. Haveria algum problema novo?

Mas, ao baixar o telefone, o Chanceler saberá que o presidente fora mais uma vez mais antecipatório, intuitivo, “novo”. Incluiu na comitiva para Washington os presidentes dos quatro partidos de Oposição. Ah, como lembrava Juscelino...

CENA IV

Pastoreando cifras

Na SQS 111, superquadra de confortáveis apartamentos do plano piloto, as árvores copadas de folhagem à prova de sol fornecerão, naquela segunda-feira, um cálido ambiente para o passeio a passos vacilantes do Ministro da Fazenda do Brasil.

Ele voltara a ser Sua Majestade, o Ministro do Tesouro, da Caixa Forte, da Renegociação Externa e do Controle Orçamentário. Tudo aquilo que o velho ministro de Joaquim Murilo, Eugênio Gudin e Octávio Gouvêa de Bulhões e Delfim Netto, havia perdi-

do em importância e autoridade, nos últimos seis anos, o presidente o havia devolvido.

Ainda bem para o Brasil — pensará o ministro, pastoreando folhas pelo chão, e cifras pela cabeça.

A Seplan, a tão temida Seplan, acabara virando

aquilo mesmo para o que havia sido criada: uma super-secretaria da presidência da República, destinada ao ágil e competente assessoramento do presidente, e não apenas especializada em economia e finanças, mas portadora de todas as “decision trees” para as estratégias da presidência. (Aquele termo, “decision tree”, ele o havia ouvido do novo Ministro Extraordinário para a Ciência e Tecnologia, o asceta e inteligente paulense, Bem posto: árvore da decisão...) O Ministro da Fazenda se sentirá mais disposto naquela manhã para meditar, enquanto chega a hora de iniciar a jornada diária de administrar as contas nacionais, nessa época impledosa que já o havia cumulado de tantos cabelos brancos quanto os fios de sua cabeça, apesar de nem ter chegado ainda aos 50.

O presidente o avisara: vai ser uma guerra. Vai ser três vezes pior e, mais desgastante que a anterior, que haviam sustentado, em seu estado, contra as de um “capitalismo progressista” e um “empresariado liberal”. Pelos seus duros ensinamentos, nos bancos da USP, e posterior graduação no exterior “cum laudae”, aprendeu que só há um capitalismo, como só há um socialismo.

Por que será que o presidente tanto se encantara com seu jeito meio seco e dessalinizado de atuar? Não haviam tantos outros candidatos na hora de escolher o Ministério, inclusive o prático arrecadador de tributos federais, insinuado como o melhor Ministro da Fazenda para um momen-

to de transição, depois que o Dr. Tancredo viu que a ascensão do presidente era irreversível?

Mas o presidente tem razões que os próprios cifreiros desconhecem. Será que ele continuaria a desejar que o Ministério da Fazenda fosse um dique para represar qualquer postura conciliatória em favor do Dr. Setúbal e de seus múltiplos interesses?

Não, certamente que não. O presidente agiu sem emoções políticas, no caso da Fazenda. Ele o quis, por saber que derrubaria gradativamente o jogo da correção monetária. Por saber que iria jogar tudo na agricultura, para que o seu impulsivo Ministro gaúcho pudesse amearhar sucesso no ambicioso programa de baratear o preço de 12 gêneros básicos da alimentação popular.

O Ministro da Fazenda se lembrará também de seu compromisso com o pleno emprego. Hoje mesmo convocará a Brasília uma comissão de empresários da construção civil. Se deu certo nos Estados Unidos, por que não dará aqui?

Meditando, às 7 e 15, entrou de novo no apartamento, no mesmo instante em que o telefone tocou. Era o “primeiro-ministro”.

— Ministro, bom dia. O presidente quer lhe falar por um momento.

Sim. O temário da reunião com os credores já estava pronto. Levitaria a palácio às onze. Mas quase caiu para trás quando o presidente lhe transmitiu sua última ideia:

— Se tudo fracassasse em Washington, prepara-se porque vamos à Arábia Saudita.

CENA V

Evaporou-se o coletivo

— Presidente, já é hora de iniciar os despatches.

8 horas, segunda. O Presidente da República deixará a pequena mesa de mogno por um breve momento para ir ao janelão envidraçado, fazer um pouco de movimento nas pernas. Mas a intenção traiu-lhe o respeito. Em pé, o Presidente receberá o primeiro dos “ministros da casa”, hierarquicamente colocado abaixo do “primeiro-ministro”, esse verdadeiro ditador, dono do relógio, da agenda, da secretária e — dizem as más línguas, que continuam a existir em Palácio — até do criado-mudo do chefe.

Mas chefe é aquele que vai entrar agora, quando a porta do gabinete se abre para dar passagem ao hierático, magro e encurvado chefe do Serviço Nacional de Informações.

Hora de suprema admiração do Presidente, diante da consistência intelectual e da irradiação de uma mágica proficiência. Está ali diante dele o homem que jogara tudo, na sua candidatura, quando tudo eram dúvidas. O velho ministro, porém, afastara da raia três concorrentes, e dos mais fortes, um por um, arquiteando pacientemente seu retorno ao Palácio, pelo simples prazer de mais um ato político perfeito, pelo gosto ironizado do poder.

Agora, o velho bruxo voltava para reeducar, reequilibrar e reestruturar o serviço. Jogada de mestre do Presidente?

— Bom dia, chefe. O Presidente saudará seu ministro e o conduzirá à mesa, perguntando inicialmente se dormira bem, e como iam os pássaros da granja que, por exceção única entre todos, lhe havia cabido como respeito e homenagem: o Riacho Fundo, e não mais o Ipê, de tristes lembranças na última queda.

Os 20 minutos passarão rápido, porque o velho ministro é disciplinado e parcimonioso. Já havia trabalhado com três presidentes, de cada um deles tendo sempre uma história, um exemplo a narrar, mesmo do último, que surpreendentemente continuava a citar em muitas histórias, revelando sua abertura de espírito.

— O Sr. sabe o que ele me falou, quando o Consultor-Geral da República pediu demissão, e eu lhe indaguei se tinha candidato para a vaga? Disse-me: “qualquer um”. Ora, “qualquer um” não é nome de consultor.

Águas passadas, mas uma breve ilustração das diferenças entre cada um dos presidentes. Este de agora — ele bem o sabia — jamais abriria mão de participar da nomeação de um

auxiliar de segunda ou terceira linha no Palácio. Tinha um temperamento semelhante ao “alemão”, o mesmo impeto concentrador. Mas ele pode — refletiu o velho —, ele foi competente na campanha e coerente quando apresentou seu plano de governo. Agora, que se sentou na cadeira presidencial, já não mais persistem os velhos chaves de despreparo, destrambelhado, confuso, com os quais era brandido.

— Como está a manhã, chefe?

— Presidente, tenho a lhe comunicar que o plano de fazer as usinas hidrelétricas operarem à noite, para abastecerem o turno de produção das indústrias de alto consumo de energia, deu absolutamente certo. O temor de sabotagem já não há. O Dr. Lula fez um pronunciamento em São Paulo elogiando a medida, que gerou pleno-emprego em várias atividades. Acho que o Sr. acertou.

— Acertamos, o Sr. é modesto.

As repercussões no Congresso também foram boas — anotou o bruxo. Mas aquela era seara do “ministro da casa” que o sucederia no gabinete. Cruzam na porta o mestre e o pupilo: um aprendiz de feiticeiro que havia posto toda sua incansável diligência a serviço da candidatura do Presidente. Ambicioso, militar, professor de estratégia e tática, o ministro é organizado, severo, talentoso, e famoso por sua operosidade, tanto nas sombras como sob a luz. O ministro de Assuntos Políticos, pasta extraordinária, para transformar o Ministério da Justiça num instrumento jurídico e de aprofundamentos institucionais, havia caído como uma luva naquele perfil cinzelado, acabado e retocado pelo velho bruxo. O Congresso Nacional era a sua malha diária de poder, e ele gostava, sentia-se à vontade, elucidava, conspirava, coordenava...

— Bom-dia, ministro. O Presidente ouvirá logo a seguir, de seu auxiliar, que não deseja perder um minuto sequer na construção do projeto político pelo qual se apaixonara.

— Presidente, ontem à noite jantei com o Dr. Tancredo, ele me assegurou que o Sr. poderá repetir a façanha de Epitácio Pessoa: jovem, o Sr. poderá, ao deixar a Presidência, acalantar o sonho de presidir os dois outros poderes da República: Dr. Tancredo disse-me que o Sr. é o protótipo de estadista moderno.

— Uma coisa que o Sr. não sabe, ministro: na campanha sucessória sempre manteve uma ponta de contato com o Dr. Tancredo. Pela minha irmã.